

CAMILO CASTELO BRANCO

PEÇA DE TEATRO

ESPINHOS
E FLORES

ESPINHOS E FLORES

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

Ao Sr. Alexandre Herculano

Eu sigo aquela velha usança de oferecer aos príncipes obras que a magnanimidade régia aceitava, com o mesmo beneplácito para as excelentes e para as mediócras.

No meu mundo, que se preza de não ser o mundo de todos, também há príncipes assentados em tronos inabaláveis: na firmeza dos tronos está a grande diferença entre os dois mundos.

A obra oferecida não é adulação, nem sequer lisonja, porque não vale um grão de mirra.

Alexandre Herculano disse que não há lauda impressa que não tenha o seu merecimento. Entre tantas haverá neste folheto uma só, onde o profundo filósofo encontre a verdade do coração humano?

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: <http://luso-livros.net/>



PERSONAGENS

JOSEFINA

D. AMÁLIA

MARIA - oito anos de idade.

PADRE HENRIQUE

PEDRO Oliveira

LUÍS de Ataíde

CAVALHEIROS - denominados 1º, 2º e 3º

DAMAS - com a mesma denominação.

CRIADOS

Quadro I

O interior de uma casa de aldeia, com limpeza, mas singelamente mobilada.

CENA I

PADRE HENRIQUE, à esquerda rezando no seu breviário, em frente de Josefina, sentada numa esteira a costurar, com uma banqueta de trabalho junto dela.

PADRE HENRIQUE, marcando com os óculos a página de um livro

Estás a chorar, Josefina?... Valha-te Nossa Senhora... Essas tuas lágrimas perdem a virtude por serem de mais...

JOSEFINA, enxugando as lágrimas

Quando deixarei eu de chorar, meu tio?!...

PADRE HENRIQUE

Quando a graça de Deus, bem merecida pela resignação, vier no teu auxílio.

JOSEFINA

Bem resignada estou...

PADRE HENRIQUE

Estás... Oito anos a chorar!... Bom é que chores... Se não fosse a respiração das lágrimas, tinhas morrido, filha.

JOSEFINA

Não mereci a Deus essa esmola.

PADRE HENRIQUE

Nem lha deves pedir... que és mãe.

JOSEFINA

Hoje não peço... Vivo para a minha filha...

PADRE HENRIQUE, afável e risonho

Só para a tua filha, ingrata? (Põe-lhe a mão na cabeça, e beija-lha.) Que estás a fazer? (Senta-se na banqueteta).

JOSEFINA

Estou a banhar o seu lenço.

PADRE HENRIQUE

E a lavar-mo com lágrimas... Onde está a pequena?

JOSEFINA

Debaixo da ramada a fazer uma casinha.

PADRE HENRIQUE

Vai buscá-la que são horas da lição... Ora anda...

(Josefina sai).

CENA II

PADRE HENRIQUE

Coitadinha... é uma mártir... Como será a consciência do homem responsável deste infortúnio? Deus perdoe a ambos... A desgraça de algumas criaturas, neste mundo, é prova da vida futura... Atormentada oito anos, amando-o sempre, esperando-o todos os dias... Ela diz que não... mas as boas almas não sabem fingir-se... Esperando... o quê? Deixá-la esperar até à morte... Por fim virá o céu. Deus me livre de lhe combater a esperança...

CENA III

PADRE HENRIQUE, JOSEFINA e MARIA

JOSEFINA, com a menina ao colo

Valha-me Deus! Fui encontrá-la com os pezinhos metidos nas poças... Ralhe-lhe, meu tio.

PADRE HENRIQUE

Ah, travessa! Eu vou castigá-la, bem castigada... Ora, dá-ma cá.

JOSEFINA, a meia voz

Não lhe ralhe muito...

PADRE HENRIQUE

Tal és tu como ela... Vai tratar do jantar, que são horas. (Josefina sai; o padre senta-se com a menina ao pé, monta os óculos, e folheia um livrinho.) Ora leia no seu livro, sua traquinas. Diga lá.

MARIA, lendo

“Uma filha que faz chorar a sua mãe, causa-lhe o pesar maior que pode causar-lhe, isto é, o pesar de ser mãe.”

PADRE HENRIQUE

Lê com pausa, Maria. (Repete ele a leitura.) Isto quer dizer que a tua mãe, quando a fazes sofrer, antes queria que tu não fosses sua filha, entendes?

MARIA

E a mamã já não é minha amiga, tio?

PADRE HENRIQUE

Se já não é tua amiga... Eu sei!... Tu andaste no quintal com os pés metidos nos charcos... Parece-me que já não é tão tua amiga como era... Tu assim o queres... Não chores, filha; tudo se remedeia... Se me prometes não ir mais ao quintal por mau tempo, faço que a tua mãe seja amiguinha como era.

MARIA

Prometo, prometo.

PADRE HENRIQUE

Ora deixa estar que ele. aí vem.

CENA IV

Os mesmos e JOSEFINA

PADRE HENRIQUE

Ora vem cá, Josefina. Maria fez uma promessa de nunca faltar, se tu esqueceres que ela andou a patinhar na água; mas quer que sejas sua amiga como eras.

JOSEFINA

Se ela promete, e o tio fica por ela...

PADRE HENRIQUE

Fico por ti, Maria? Olha lá se me deixas ficar mal.

MARIA

Não deixo, não; fique por mim, tio!...

PADRE HENRIQUE

Então vá abraçar sua mãe, e venha depois dar uma beijoca no tio padre.

JOSEFINA, tomando-a para o colo

Estás perdoada; não tornas a fazer outra?

MARIA, saltando ao chão

Não, mamã, e deixa-me ir brincar com o frango derrabado?

JOSEFINA

Pois sim, vai, minha filha.

PADRE HENRIQUE

Não, senhora, não vai brincar com o frango derrabado. São horas de estudar a lição de escrita. Vai para o meu quarto, que eu lá vou ter. (Maria sai amuada).

CENA V

PADRE HENRIQUE e JOSEFINA

JOSEFINA

Deixe-a ir brincar, coitadinha...

PADRE HENRIQUE

Valha-te Deus, Josefina... o teu amor é de mãe; mas as obrigações do amor maternal têm dureza... dás-lhe demasiado mimo. É preciso comprimires no coração metade da ternura.

JOSEFINA, com tristeza

Custa muito...

PADRE HENRIQUE

Custa muito... eu por mim ajuízo quanto custa; mas, sobrinha, põe diante dos teus olhos o pior futuro, se o amor de mãe te não cega. Se não deixares como

herança da tua filha um coração humilde, e uma índole muito provada para vencer os grandes trabalhos com a grande paciência, que sorte será a sua?

JOSEFINA, pensativa, e tardia nas expressões

É verdade... nada temos, ou quase nada temos que lhe deixar; mas o tio não disse que eu posso das economias que faço de tudo que o meu irmão nos manda do Brasil arranjar-lhe um patrimoniozinho?

PADRE HENRIQUE

E quem nos assegura que o teu irmão vive neste momento? Quem sabe se eu te faltarei amanhã, e tu precisarás gastar os seiscentos mil réis que tens? Quem nos diz se uma grande doença nos há de consumir os poucos torrões que temos?... Olha, Josefina, queres saber qual é o melhor destino da tua filha? O céu... a morte, nesta idade dos anjos.

JOSEFINA

Deus me defenda desse golpe!

PADRE HENRIQUE

Cala-te, cala-te, que estás pecando!... Tu parece que não sabes o que é a vida...

JOSEFINA

Sei, sei demais...

PADRE HENRIQUE

Está bom, está bom, nada de lágrimas... Sabes o que é a vida, e por isso mesmo tens maior obrigação de querer o céu para tua filha.

JOSEFINA

Pois não há outra esperança? É impossível viver, e ser feliz, minha filha?!
Porque eu fui desgraçada, há de ela sê-lo também?

PADRE HENRIQUE

Há dezoito anos, tinhas tu os anos da tua filha; prometias um futuro melhor que o dela; e por fim... Calemo-nos; não se te pode dizer nada... choras logo...

CENA VI

Os mesmos e MARIA

MARIA

O tio não vem?

PADRE HENRIQUE, indo

Aí vou, aí vou... (Refletindo). Eu tinha que te dizer, Josefina... (Para Maria).

Vai indo, que eu lá vou já.

MARIA

Deixa-me apanhar o frango derrabado só um bocadinho?

PADRE HENRIQUE

Já te disse que não apanhas o frango. Apre! que é teima! (Maria sai).

CENA VII

JOSEFINA e PADRE HENRIQUE

PADRE HENRIQUE

Devo lembrar-te que, no mês passado, recebemos carta do teu mano, escrita de França. Dizia ele que estava indeciso se viria a Portugal; mas que talvez viesse, por ter grande desejo de conhecer uma irmã que deixara de três anos, e um tio que mal se recordava ter visto na portaria do convento de Vinhais. Caso venha, promete escrever-me de Lisboa. Ora bem; há ainda muito tempo para deliberar o que se há de fazer, se ele vier; mas bom é falarmos nisto.

JOSEFINA

Não há que falar, meu tio. É recebermo-lo como quem recebe um sobrinho, e um benfeitor.

PADRE HENRIQUE

Dizes bem; mas aqui não há só uma irmã, e um tio... Está connosco uma menina, e esta menina... não pode dizer que a sua mãe é viúva.

JOSEFINA, alvoroçada

Jesus!... Tem razão... Eu não devo aparecer diante do meu irmão.

PADRE HENRIQUE

Não é tanto assim. Se um pecador, cheio de crimes, é recebido na presença de Deus para ser julgado, porque não hás de tu, maculada por um erro, aparecer diante dos homens? Este mundo é vale de lágrimas, não é tribunal de condenados, nem de absolvidos, filha. Quem se esconde com a sua culpa dos olhos de um irmão, e se mostra a Deus com mais confiança na sua misericórdia, parece que respeita o mundo mais do que Deus.

JOSEFINA

Essas palavras são muito amargas, meu tio...

PADRE HENRIQUE

Deixá-las ser nos lábios; o coração que tas dá está cheio das doçuras do amor. (Abraçando-a). Tu bem sabes que sofro, se te magoo. A tua dor tem-me feito supersticioso... Quando te faço involuntariamente chorar, afigura-se-me que a

tua santa mãe me repreende... Abraça-me com fé em Deus, e esperança em mim... Vou à tua filha.

CENA VIII

Os mesmos e MARIA

MARIA

Mamã, mamã!

JOSEFINA

Que é, filha, que é?

MARIA

Estão ali à porta uns senhores.

JOSEFINA, espreitando pela janela

Uns senhores.... É um homem e uma senhora a cavalo, e trazem lacaio.

PADRE HENRIQUE, indo à janela

Quem poderão ser? (À janela). Quem é que procuram?

VOZ

Mora aqui o Sr. padre Henrique?

PADRE HENRIQUE

Nesta freguesia há dois padres com esse nome; mas, nesta aldeia, padre Henrique de Oliveira é este seu criado.

VOZ

É o senhor mesmo que procuro.

PADRE HENRIQUE

Eu vou receber as suas ordens. (Para a sobrinha). Isto deve ser alguma encomenda de sermão para Bragança. Eu vou buscá-los para aqui se eles quiserem subir. Arranja essa casa. Tira dali as minhas botas, Maria. Olha aquela chimarra que não fique sobre a cómoda. (Sai).

CENA IX

JOSEFINA e MARIA

JOSEFINA, espanejando a cómoda

Sinto-me tão oprimida! Que me adivinhará o coração! As palavras do meu tio assustaram-me!

MARIA

A mamã está triste?

JOSEFINA

Não, filha, não.

MARIA

Eu não torno a patinhar nas poças.

JOSEFINA

Permita Deus que o meu irmão não venha, se há de vir aumentar as minhas penas... Vem, Maria. (Saem).

CENA X

PADRE HENRIQUE, PEDRO OLIVEIRA e D. AMÁLIA

PADRE HENRIQUE

Teria a bondade de desculpar o desarranjo desta casa de pobre padre de aldeia.

PEDRO, comovido, e com disfarce

Dá-me licença que me sente? (Sentando-se).

PADRE HENRIQUE, sacudindo o pó da cadeira com o capote

Minha senhora, faz favor de sentar-se... O senhor está incomodado?

PEDRO

Não, senhor, estou fatigado... Venho de longe, sempre debaixo de mau tempo, por estradas intransitáveis... Está o Sr. padre Henrique muito longe de imaginar o fim que me traz a sua casa.

PADRE HENRIQUE

Espero as suas ordens, meu senhor.

PEDRO

Encontrei-me na exposição de Paris com um cavalheiro, que me disse ser seu sobrinho.

PADRE HENRIQUE

Pois esteve com o meu sobrinho?!

PEDRO

É verdade; e, como sou de Bragança, recebi dele a satisfatória incumbência de lhe dar um abraço. (Abraça-o comovido). e a minha mulher também é portadora de um abraço para a irmã do meu amigo.

PADRE HENRIQUE

Eu chamo-a... Josefina! (Sai, chamando-a).

CENA XI

PEDRO e D. Amália

PEDRO, com transporte

Respiro! vivem ambos!

D. AMÁLIA

Estás tão agitado, Pedro! Desse modo não te disfarças muito tempo.

PEDRO

Talvez não possa.

CENA XII

Os mesmos, JOSEFINA e PADRE HENRIQUE

PADRE HENRIQUE

Recebe daquela senhora um abraço que o teu mano te manda. (Abraçam-se: Josefina com acanhamento).

D. AMÁLIA, com júbilo

Foi uma comissão bem agradável; mas muito mais agradável à menina, se o abraço não tivesse portadora...

JOSEFINA

Se Deus não quer que eu veja meu irmão, é grande prazer abraçar uma pessoa que o viu.

PEDRO

E, se o visse, decerto que o não conhecia.

JOSEFINA

Não, meu senhor. Tinha eu três anos quando ele foi para o Brasil... e o meu irmão não vem cá?

PEDRO

Disse-me que tencionava vir... Decerto o não conhece, Sr. padre Henrique.

PADRE HENRIQUE

A mim? Decerto não... Passaram por cá vinte e cinco anos amargurados; mas as amarguras, dobrando-me o corpo, não me venceram a paciência da alma.

PEDRO

Amarguras!... quais?! Não teve ele, desde certo tempo, cuidado em proteger a sua família?

PADRE HENRIQUE

Meu senhor, o pão do corpo não dispensa o pão do espírito. Eu falo da penúria da alma, que o meu sobrinho não podia remediar... Coisas, coisas de

padre velho... Ora vamos... O meu sobrinho tem meios de viver farto e com honra?

PEDRO, abstraído

Creio que sim...

PADRE HENRIQUE

Arranjou os seus haveres por negócio lícito? não foi à escravatura?

PEDRO

Não, senhor. Foi doze anos caixeiro com pequeno ordenado, e caixeiro esperava morrer, quando uma senhora muito rica e muito virtuosa o quis para seu marido.

PADRE HENRIQUE

Abençoado seja o Senhor! Eu disse-lhe sempre de cá: “Filho, na tua casa. há um caldo feito em paz e comido com honra; vem quando quiseres”. Não veio. Bem sabia Deus para que o conservava lá... Ora pois, nestes arredores não há

estalagem. Josefina, vai servir os amigos do teu mano. Dá-nos o melhor jantar que puderes, para fazermos uma saúde ao nosso amigo, irmão, sobrinho e benfeitor.

PEDRO

Nem sequer por delicadeza recusamos, Sr. padre Henrique; mas não se dispensa esta senhora do trabalho da cozinha? Nós queremos-la connosco.

PADRE HENRIQUE

Não é possível... A minha sobrinha é ama e criada. Vai, vai, Josefina.

(Josefina sai).

CENA XIII

Os mesmos, exceto JOSEFINA

PEDRO

Eu pensei que o seu sobrinho dava para esta casa uma abundante mesada...
Permita-me uma curiosidade... Eu sei os negócios particulares de Pedro de Oliveira. O que ele tem mandado entregar mensalmente à sua família são trinta mil réis: não os tem recebido?

PADRE HENRIQUE

Pontualmente me têm sido entregues.

PEDRO

E com tal mesada não se pode viver melhor numa aldeia? Desculpe-me estas liberdades...

PADRE HENRIQUE

Pode, sim, senhor.

PEDRO, risonho

E então? Fizeram voto de viver pobremente?

PADRE HENRIQUE, risonho

Eu fiz porque fui frade... (Triste). Ela... se V. Ex^a me dispensa de não corresponder à franqueza da sua pergunta...

PEDRO

O senhor... eu é que peço perdão do meu zelo demasiado; mas há aqui um segredo da família... (Aparte). Que será isto?

CENA XIV

Os mesmos e MARIA

MARIA, chorosa

A mamã matou o meu franguinho derrabado. (Vai encostar-se aos joelhos do padre).

D. AMÁLIA

Ai! Uma menina tão galantinha!

PEDRO

Uma menina! Que menina é esta? É da sua família?

PADRE HENRIQUE

Sim, senhor. Logo que Deus sabe que é da minha família, pode sabê-lo todo o mundo.

PEDRO

Mas a sua família creio que é uma senhora, e esta... suponho que é solteira...

PADRE HENRIQUE

É solteira.

PEDRO, agitado

E esta menina é sua filha?

PADRE HENRIQUE

Sim, senhor.

PEDRO

Filha natural de uma irmã de... (Reprime-se). O meu amigo Pedro de Oliveira ignora a existência desta sobrinha. Não serei eu quem lha denuncie... Lá, ao longe, também chega, com a saudade, a vergonha dos parentes.

D. AMÁLIA, meia-voz

Pedro!

PADRE HENRIQUE

V. S^a parece zeloso em excesso do bom nome da minha família... O extremo zelo em moral é o relaxamento da caridade evangélica.

PEDRO

Mas a caridade, Sr. padre Henrique, não absolve escândalos.

PADRE HENRIQUE

Absolve desgraçados.

PEDRO, com autoridade

Faz que esta criança se retire? Preciso falar-lhe, senhor.

PADRE HENRIQUE

Vai à tua mãe, Maria. (Maria sai).

PEDRO, com severidade

Eu tenho direito de perguntar pela honra da casa onde nasci. Pedro de Oliveira está na sua presença.

PADRE HENRIQUE, expansivo

Meu sobrinho! Devia ter-te conhecido... (Quer abraçá-lo).

PEDRO, afastando-se

Ainda não reconheci o irmão do meu honrado pai! Eu esperava encontrar, ao lado da minha irmã, um tio, como o anjo protetor da sua virtude. Acho uma filha dessa irmã, como o testemunho de um crime, sentada nos joelhos de um padre...

PADRE HENRIQUE, gravemente

Os padres não estrangulam crianças. Se querem imitar o divino mestre, recebem-nas no regaço. Não me deis lições de moral, filho do meu irmão.

Antes dos vossos insultos, encaneceram-me os cabelos em oito dias. Eu vos perdoo. Podeis fazer que eu chore alguma lágrima que me resta; mas envergonhar-me, não.

D. AMÁLIA

Pedro... escuta a tua boa alma!

PEDRO, após momentos de silêncio, com tristeza e brandura

Como foi a desgraça da minha irmã?

PADRE HENRIQUE

É a história de todas as desgraçadas. Amor, perfídia, desamparo... Mas nem todas as desgraçadas se reabilitam como ela perante Deus.

PEDRO

E perante a sociedade?

PADRE HENRIQUE

São arrastadas pelos cabelos, recebem depois da culpa o martírio, e entram mais triunfantes no céu.

PEDRO, irado

Vive o sedutor da minha irmã?

PADRE HENRIQUE, sempre com brandura

Vive.

PEDRO

Em circunstâncias de ser seu marido?

PADRE HENRIQUE

Inspirasse-o Deus, sendo ele capaz de o ser.

PEDRO

É um homem em alta posição?

PADRE HENRIQUE

Desses a quem não chega a lei dos homens.

PEDRO

Nem uma bala?

PADRE HENRIQUE

Não se lava uma nódoa com sangue, meu sobrinho; é com lágrimas.

PEDRO

É um homem a quem se possa oferecer um grande dote?

PADRE HENRIQUE

Pode ser que seja... Eu não conheço bem a onnipotência do dinheiro.

PEDRO

Vive aqui?

PADRE HENRIQUE

É daqui; mas vive em Lisboa.

CENA XV

Os mesmos e JOSEFINA

JOSEFINA

Meu tio, eu vinha lembrar-lhe se vossemecê vai pedir a algum lavrador que recolha as carruagens, porque não temos uma loja capaz.

PEDRO

Dispensio o incómodo porque vou sair... Vamos, Amália.

D. AMÁLIA, com efusão

Espera...!

JOSEFINA

Vão sair?! Então não jantam cá?

D. AMÁLIA, aparte

Que situação esta!

JOSEFINA

O meu tio está tão triste!... Teve algum desgosto! É alguma notícia má do meu irmão, que me querem ocultar?...

PEDRO

Se alguma coisa deve aqui ocultar-se... é a senhora. Esconda quanto puder o rosto aos olhos do seu irmão, se algum dia ele aqui vier.

D. AMÁLIA

PEDRO! isto é uma crueldade! serei eu a primeira a abraçá-la, e a chamar-lhe minha querida irmã! (Abraça-a).

JOSEFINA

Senhora!... eu não entendi bem...

D. AMÁLIA

Venha abraçar seu irmão.

JOSEFINA

Meu irmão! (Crava os olhos no chão e fica imóvel).

PADRE HENRIQUE, ao lado dela

Se te sentes enfraquecer, minha filha, tens aqui o teu velho amparo. (Ela abraça-o sufocada por soluços, escondendo-lhe a face no peito).

D. AMÁLIA, com muita ternura

Meu filho, vai abraçar tua irmã! Suplico-to eu de mãos postas. (Pedro senta-se convulsivo).

CENA XVI

Os mesmos e MARIA

MARIA, correndo

Mamã!... (Reparando) a mamã está a chorar! (Abraça-a).

PEDRO, erguendo-se

É esse o penhor que me dá da sua virtude, Josefina?

D. AMÁLIA

Por piedade, Pedro!

PEDRO

Acha que eu devo ter um grande orgulho de entrar em casa do meu pai, que deixei sem mancha?

PADRE HENRIQUE

Meu sobrinho, tendes direito de tomar metade desta casa, que é vossa... e mais nenhum. O meu irmão, e o vosso pai teria perdoado; vós... passais a esponja do fel sobre a chaga aberta para sempre.

PEDRO

E a desonra é uma chaga que feche?

PADRE HENRIQUE

Visto que temeis tanto a sociedade, se sois rico, mostrai-lhe o vosso dinheiro, e ela vos honrará. Algumas vezes o protesto contra o vício é a desonra da virtude.

PEDRO

Fala pela boca do mundo, senhor. Mas eu não oiço o mundo, oiço a minha consciência. Josefina será minha irmã, quando puder convencer-me que essa criança não é sua filha.

JOSEFINA, com precipitação

O quê? não é minha filha? Querem separar-me da minha filha? (Abraçando-se a ela freneticamente).

PADRE HENRIQUE

Isso é impossível, pobre mãe!... Não contas já comigo, Josefina?

PEDRO, sarcástico

Dá-lhe ânimo na desonra!... A religião dos frades era assim?

PADRE HENRIQUE, com muita humildade

Reparti por mim os vossos ultrajes, meu sobrinho, que eu posso bem com eles; mas não injurieis a religião da caridade.

JOSEFINA, animosa

E com que direito nos insultam, meu tio?!

PADRE HENRIQUE

Repreendem-te, filha, não te insultam... Bem pode ser que este ressentimento do teu irmão se converta em dó. Chora daquelas lágrimas que eu te enxugava. O filho da tua mãe não pode ser uma fera.

D. AMÁLIA

Perdoa-lhe, perdoa-lhe!

PEDRO

Mas o que é aqui perdoar?!... Há mulheres que se perderam violentadas pela indigência. Nem essas devem ser perdoadas: o trabalho é a ressalva do crime... Mas esta... perdeu-se no seio da abundância... Quem lhe perdoará? De que lhe serviram os meios que eu lhe dei para sustentá-la virtuosa?!

JOSEFINA, abrindo um gavetão, e tirando um saco de dinheiro, com altivez

Aqui está o seu dinheiro, senhor! Eu era muito rica sem ele... Tinha o amor do meu tio, e da minha filha. (Correndo a abraçá-la, deixa cair o saco). O meu irmão, fuja depressa destes sítios, para que o contágio da minha culpa, e da minha pobreza o não toque! Vá, e não diga que tem aqui uma irmã, que eu

prometo nunca preferir o seu nome... deixe-me com a minha filha, e não abrevie os dias do meu benfeitor!...

PEDRO, a meia voz

Há uma grande coração nesta infeliz! Qual de nós será o desonrado?!

D. AMÁLIA, tomando-lhe as mãos

Tu não tinhas assim uma alma cruel, Pedro!

PEDRO, arrebatado

É um toque divino! (Vai ao grupo, e toma a criança em transporte).

JOSEFINA

Minha filha! dê-me a minha filha.

PEDRO, muito comovido

Não consentes que eu beije tua filha, minha irmã? (O padre ergue as mãos, Josefina fica suspensa, e como extática na sua alegria. Amália abraça o marido e sobrinha no mesmo abraço).

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

QUADRO II

Saleta com mobília rica, fogão com lume

CENA I

Um criado de libré traz algumas cartas, que põe sobre uma mesa, e sai. Luís de Ataíde, em trajes domésticos, abre duas cartas que depõe, vendo a assinatura, e repara no sobrescrito da terceira.

LUÍS

Carimbada em Lisboa, letra fingida!... isto deve ser uma carta anónima... Sou mimoso destas brincadeiras... (Com admiração, lendo a assinatura). Josefina Emília! Como?! esta mulher estará em Lisboa!? (Lê). “Quando se é mãe extremosa, sente-se bom o coração para todo o mundo: até ao algoz se perdoa. A minha filha é a tua imagem; sem te conhecer, pede-me por ti. A tua vida está em perigo. Foge de Lisboa. – Josefina Emília”. Que quer dizer isto?! Não posso imaginar que brinquedo é esta carta... (Repete a leitura mentalmente).

CENA II

LUÍS de Ataíde e Criado

CRIADO

Um bilhete de um senhor que espera.

LUÍS

Que suba para esta sala, e tenha a bondade de esperar um instante. (O criado sai). Péssima ocasião de visitas! (Sai deixando descuidosamente a carta sobre a mesa).

CENA III

PEDRO Oliveira e CRIADO

PEDRO

Eu não quero ser importuno. Se incomodo o Sr. Luís de Ataíde, retiro-me.

CRIADO

S. Ex^a vem já. (Sai).

(Pedro, pondo o chapéu sobre a cadeira imediata à mesa, vê a carta. Lê em sobressalto, e, ouvindo passos, finge-se tranquilo).

CENA IV

LUÍS de Ataíde e PEDRO Oliveira

LUÍS

O meu amigo desculpa-me fazê-lo esperar...

PEDRO

Oh! cavalheiro...

LUÍS, conduzindo-o ao sofá

Como passou o resto da noite... isto é, o resto da manhã?

PEDRO

Dormitei alguns minutos. Depois de um baile tão animado, tão variado, tão rico de todos os excitantes, os nervos não descansam, e a imaginação folga de reproduzir as cenas. Estavam ali mulheres divinas! A sua prometida esposa, Sr.

Atáide, é uma formosa menina. É uma dessas raras mulheres que enchem o coração de ternura e a cabeça de orgulho.

LUÍS, com fatuidade

Penso que sim. Não estou fascinado a ponto de jurar que a amo muito. Também não caso deslumbrado pelo dote que tem. Sabe o meu amigo como se explica o meu casamento? Estou aborrecido de mim. Estou cansado de ser abelha de todas as flores. Resolvi fazer-me molusco, e pouco me importa que a minha mulher seja uma pedra, contanto que eu seja uma ostra.

PEDRO, risonho

É espirituosa a metáfora! Deve ter tido uma vida bem afortunada quem, tão novo, no vigor dos anos, concebe tédio de si mesmo!... A embriaguez do gozo parece-se com a do vinho: deixa a alma desfalecida e inerte.

LUÍS

Há grande lances na minha vida, Sr. Oliveira...

PEDRO

Rapaziadas gloriosas, não?

LUÍS

Não, senhor. Eu tenho crimes... e a glória dos crimes, é preciso estar muito corrompido, para aceitá-la das mãos da sociedade corrompida que a dá. O que sinto em mim não é corrupção, é letargo... Como quem se abre a um amigo de poucos dias, mas de muita confiança, dir-lhe-ei que tenho na minha vida páginas negras, que tomara eu podê-las arrancar. Ser mau, quando se quer ser bom, custa muito... (Muda para o jovial). Mas que culpa tem o senhor das minhas melancolias?!

PEDRO

Parece-me que o ar. Luís de Ataíde tem uma romanesca imaginação fácil de exaltar-se com as impressões de momento...

LUÍS

Uma recebi eu agora, que me impressionou bastante. Vou-lha revelar como prova de muita confiança... (Procura nas algibeiras, ergue-se, busca, e acha a

carta sobre a mesa). Aqui está o que eu buscava. (Pedro ergue-se). Recebo agora esta singularíssima carta. Queira ver. (Pedro lê alto).

PEDRO

Parece-me que há aqui uma situação melodramática. (Dá-lhe a carta).

LUÍS

Isto, ou é logração de pessoa que soube das minhas relações com esta mulher, ou então... e um aviso muito sério.

PEDRO, abstraído

Decerto... um aviso que não deve ser desprezado.

LUÍS

Mas não vejo de quem possa vir um desforço tão sumário. Esta mulher é da província. Não tinha alguém que, depois de sete ou oito anos, me viesse pedir contas tão solenemente de uma aventura tão ordinária... Não sei, não sei o que deva pensar.....

PEDRO

Bem pode ser uma logração. Tem o meu amigo rivais por causa da sua noiva?

LUÍS

Devo ter; mas não sei que tenha algum tão lorpa que promovesse a minha derrota com semelhante arma. Todavia... pode ser... Os lorpas são numerosos, segundo a Bíblia, e o amor faz um novo todos os dias.

PEDRO, risonho

Diz muito bem... o amor faz muitos lorpas, quando não faz criminosos...

Antes os primeiros... Outro assunto... V. Ex^a dá-me a honra da sua estima...

LUÍS

Ó senhor!... é admirável a dedicação que lhe voto, Sr. Oliveira, conhecendo-o apenas há quinze dias.

PEDRO

As simpatias nascem de improviso, e diz um escritor que são uma espécie de reminiscência entre duas pessoas que já foram muito amigas numa outra vida.

LUÍS

Impressionou-me essa sombria tristeza que o domina sempre!... Nem ontem no baile o vi risonho! e a sua senhora participa do seu carácter... triste sempre! O meu amigo tem necessariamente uma nuvem negra que lhe escurece todos os objetos.

PEDRO

Nem todos. Vejo neste mundo objetos luminosos ao pé das trevas. Vejo rosas, e espinhos. Fontes límpidas, e charcos asquerosos. A fome nutrindo-se de gemidos, e a abundância devorada pela fome de sensações novas. Vejo lágrimas de sangue, e risos injuriosos. Súplicas, e sarcasmos. Vítimas oprimidas, e verdugos coroados. Já vê que nem tudo é negro diante dos meus olhos. Há variedade nas minhas impressões. Bem longe de ser misantropo, vivo como tem visto, vou procurar sensações agradáveis a toda a parte do mundo onde as pressinto... e...

LUÍS

Mas triste sempre!

PEDRO

É índole, Sr. Luís de Ataíde... desmancho de organização que vem de longe, desde criança talvez, quando na terra do oiro, vi a fortuna de certos homens respeitadas arrastada pelos cabelos sobre um estrado de sangue e Lágrimas. Estranhei a torpeza da minha raça. E, desde então, a cada passo que dou encontro na ponta do pé um vestígio da maldade dos homens... (Mudança de tora). Mas onde me leva este sestro de missionário na certeza de que me enobrece com a sua estima, desejava vê-lo no meu hotel, onde, depois de amanhã, dou o primeiro jantar a algumas senhoras, relações da minha mulher, e a alguns amigos de ambos nós. Dá-me o prazer de contá-lo no número dos que me honram?

LUÍS

Aceito o convite como uma distinção.

CENA V

Os mesmos e CRIADO

CRIADO

Está na sala de espera um padre que quer falar com V. Ex^a (Expressão de susto na fisionomia de Pedro).

PEDRO, aparte

Será possível!

LUÍS

Pergunta-lhe o quer.

CRIADO

Perguntei, e respondeu que só diria a V. Ex^a, o que queria.

LUÍS

Que entre. (O criado sai). Algum empenho para o ministro, ou alguma esmola...

PEDRO, tomando o chapéu

Fico, pois, certo da sua condescendência. Quer dar-me as suas ordens?

LUÍS

Já?!

PEDRO

Por muita necessidade, Sr. Ataíde.

(Encontram-se Pedro e padre Henrique na entrada da sala. Luís de Ataíde, surpreso, não vê a surpresa de Pedro).

CENA VI

PADRE HENRIQUE e Luís de Ataíde

PADRE HENRIQUE

Creio que não sou para V. Ex^a um homem inteiramente desconhecido.

LUÍS

Não, senhor, não é. Conheço o Sr. padre Henrique perfeitamente. (O padre vai poisar a bengala e o chapéu). Será este o meu assassino?! (Aparte).

PADRE HENRIQUE

Acho-me em casa do Sr. Luís de Ataíde, e, por isso, pedirei licença para falar.

LUÍS, oferecendo-lhe a cadeira, que ele não aceita

Queira dizer, Sr. padre Henrique.

PADRE HENRIQUE

V. Ex^a é o pai de uma criancinha que eu amo muito, porque é filha de uma infeliz que eu criei nos meus braços, desde os cinco anos em diante. Pelo amor destas duas criaturas, que eu amo pelo amor de Deus, vim bater à sua porta, como quem acorda um irmão para avisá-lo de que um incêndio lhe lavra na casa.

LUÍS, tranquilo

Já hoje tive uma aviso de que me querem assassinar. O Sr. padre Henrique vem...

PADRE HENRIQUE, risonho

Assassiná-lo? Não, senhor.

LUÍS

Não digo assassinar-me... Vem dar-me testemunho de que o aviso não é uma fábula.

PADRE HENRIQUE

Fábula não é, venha ele de onde vier.

LUÍS

É sua própria sobrinha que me escreve.

PADRE HENRIQUE

Minha sobrinha?!... É pois certo que a minha sobrinha é uma santa! Que impressão lhe fez o aviso, Sr. Ataíde?

LUÍS

A impressão do espanto, e, depois do seu segundo aviso, a da cautela.

PADRE HENRIQUE

Só a impressão da cautela? A da piedade seria um sinal bem evidente de que a sua alma é boa.

LUÍS

Mas pode saber-se que sanguinária vingança é esta, depois de sete anos?

PADRE HENRIQUE

Como homem do mundo responderei que na honra não há prescrições. Sete dias ou sete anos a desonra é a mesma, até creio que a chaga, aberta sete anos, é um padecer mais longo. Como homem encarregado de lembrar aos homens os preceitos de Deus, direi a V. Ex^a que venho aqui com as minhas lágrimas para que não corra uma gota de sangue.

LUÍS, sorrindo

Parece-me que o entendo. Trata-se de um homicídio, o executor de alta justiça ninguém sabe quem é, e o ar. padre, como poder moderador, comuta-me a pena, se eu aceder a condições que vai propor-me. Ouviremos.

PADRE HENRIQUE

São mal escolhidas as ironias, ar. Ataíde. Eu na sua posição... chorava.

LUÍS

Não tenho um motivo bem justificado para chorar, creio eu.

PADRE HENRIQUE

Tem. O homem que fez desgraçada uma mulher, se ela é capaz de compreender bem dentro do coração a sua desgraça, deve chorá-la. Mulheres haverá que não mereçam compaixão, porque descem de crime em crime, justificando-se com o primeiro erro. A mãe da sua filha, senhor, sofre hoje o que sofreu no primeiro dia do seu desamparo. Se as lágrimas dela são um merecimento diante de Deus, porque não hão de ser um incentivo de Deus, porque não hão de ser um incentivo de piedade diante dos homens?

LUÍS, com gravidade

Fale-me, com sinceridade, ar. padre Henrique. Josefina quer um dote para sua filha?

PADRE HENRIQUE

JOSEFINA rejeitou o dinheiro que V. Ex^a mandou dar-lhe, depois que a abandonou. Respondeu então à perguntou que me é feita agora.

LUÍS

O que eu lhe mandava dar não bastaria às suas necessidades. Hoje darei uma grande parte do que possuo.

PADRE HENRIQUE

Tudo o que V. Ex^a possui não resgata este título de dívida. (Tira da carteira uma carta, e lê, o seguinte fragmento). “Josefina, tu és minha esposa perante Deus, e brevemente o serás perante os homens. Sinto não ser tão livre já, quanto me é necessário para ser feliz. Se eu te atraçoasse, ao ver esta carta, cairia fulminado”... V. Ex^a não cai fulminado; mas estes juramentos não podem ser vãos na justiça divina... A sociedade raras vezes pede contas deles... isso é verdade... mas, se as pede, o braço débil do ministro de Deus não basta para desviar o golpe.

LUÍS

Vem, portanto, o senhor propor-me o casamento da sua sobrinha.

PADRE HENRIQUE

Propor, não, ar. Ataíde. Foi V. Ex^a que mo propôs, há oito para nove anos. Venho... não digo venho... podia vir propor-lhe o cumprimento da sua palavra.

LUÍS

Acho arrogante a missão.

PADRE HENRIQUE

Tanto não é arrogante, senhor, que eu vou cumpri-la com os joelhos no chão.

LUÍS, erguendo-o

Senhor!... Diga-me quem é que se interessa pela sua sobrinha a ponto de ameaçar-me a vida! Ela avisa-me, o senhor avisa-me... quem é o assassino?

PADRE HENRIQUE

Será um desgraçado que as minhas lágrimas e as dela não conseguirão abrandar.

LUÍS, agastado

Mas quem, senhor?!

PADRE HENRIQUE

Não sou denunciante, ar. Ataíde.

LUÍS

Mas se o interrogarem num tribunal?

PADRE HENRIQUE

No tribunal de Deus não há segredos: somos todos conhecidos. Cá em baixo, quem me interrogará?

LUÍS

E, porque não hei de eu supor que entre o senhor e a sua sobrinha há uma combinação feita para me levarem pelo terror?! A apresentação dessa carta... E uma combinação!...

PADRE HENRIQUE

Há uma combinação feita para o salvarmos, senhor! (Aproxima-se do fogão).
A carta de que serve? (Lança-a no fogo). Ei-la ali... durou menos que a palavra
do homem!... (Com intimativa). Fuja hoje de Lisboa, senhor!

LUÍS

Que fuja!?

PADRE HENRIQUE

Fuja, e não leve o nome que tem para onde fugir. Até aqui foi uma
advertência, agora é uma súplica. Fuja, e depressa, e já! Fez uma desgraçada,
não faça um homicida. Promete sair, ar. Ataíde?

LUÍS

Não prometo sem provas evidentes do perigo que o senhor quer incutir-me.

PADRE HENRIQUE

Que precisão pueril teria eu de o enganar? A sua fuga melhoraria a condição da minha sobrinha?!

LUÍS, colérico

Seja o que for, eu digo-lhe, afinal, que afronto, face a face, o meu assassino... seja ele quem for! Duvido, porém, que o assassino, se tal existe, me mostre a cara.

PADRE HENRIQUE, tomando o chapéu e a bengala

Mostra, mostra, ar. Ataíde e mostrar-lhe-á a face pura. O seu sangue será nela a primeira nódoa. (Sai).

CENA VII

LUÍS de Ataíde e depois um CRIADO.

LUÍS

É uma situação muito séria ou muito ridícula? Original é... decerto! (Tange a campainha). Não posso ser superior ao receio! (Ao criado, que entra). Quero bem limpo o meu par de pistolas de algibeira. Ordem ao guarda-portão que não deixe passar do pátio alguém sem minha ordem. (O criado sai). Feliz ideia! (Tange a campainha, e o criado torna). Segue esse padre que daqui saiu, depressa, depressa, e vê em que casa entra. (O criado sai). Isto não pode ser fábula! Mas se o não é... que assassino é este? Quem é que defende a honra destas mulheres?... Mentira, indispensavelmente mentira!

CRIADO, com uma carta

O padre entrou numa sege e partiu o todo o galope. É impossível segui-lo...
Deram-me no pátio esta carta.

LUÍS

Anónima! letra de mulher!... (Lê). “Uma pessoa que muito se interessa na sua vida, pede-lhe que fuja hoje de Lisboa”. Terceiro aviso! Quem é esta mulher?!

(Ao criado). Segue o portador desta carta! depressa! (Sentando-se prostrado).

Que infernal combinação!

FIM DO SEGUNDO QUADRO

QUADRO III

Cena I

D. AMÁLIA e as duas Damas designadas 1ª e 2ª, PEDRO Oliveira, LUÍS de
Ataíde e dois Cavalheiros

Estão à sobremesa de um jantar

PEDRO

Observo, com grande mágoa minha, um assombro fúnebre em todos os rostos. Nunca se viu jantar tão desanimado, tão silenciosamente triste no dessert! Dir-se-ia que entrou em todos os corações um pressentimento fúnebre! Que será? Nos banquetes dos Bórgias, onde os venenos filtravam dos cristais, havia risos expansivos, e folias que disfarçavam a fealdade dos paroxismos. No famoso festim de Baltasar tingiu o terror as faces dos convivas, depois que o dedo misterioso escreveu na parede a legenda terrível. Aqui não há venenos nem legendas, não há Baltasares nem Bórgias, e assim estamos nós como repasto de fantasmas! Sr. Ataíde, dê alma a estes corpos mortos! Conte-nos em gíria elegante uma das suas cenas de D. João!

LUÍS

O cavalheiro sabe que eu não costumo enfatuar-me de vaidades loucas... As minhas galanterias não conseguiriam despertar a sensibilidade cómica dos seus hóspedes... Durante este jantar tenho visto lágrimas mal disfarçadas, e seria pretensão cruel o querer enxugá-las com agudezas de mau gosto...

PEDRO

Lágrimas!? pois quem é que chora? (Silêncio de instantes). Digna-se responder-me, cavalheiro? (Para Luís de Ataíde).

1ª DAMA

A Sra. D. Amália tem chorado sempre...

PEDRO, pensativo

Ah! minha mulher?... A minha mulher tem dias de amargura... chora sem causa... e uma doença incurável!... e muito aflitiva... (Escondendo o rosto entre as mãos). É uma terrível doença...

1º CAVALHEIRO

Caprichos de nervos, talvez...

2º CAVALHEIRO

É natural...

PEDRO

Creio que sim, meus senhores...

2ª DAMA

E parece que está mais aflita agora!...

D. AMÁLIA, sufocada por soluços

Não, minha senhora; isto passa. (Erguem-se todos).

PEDRO

Queres entrar no teu quarto, Amália?

D. AMÁLIA

Estou melhor, filho... não quero... (Aperta-lhe com veemência as mãos; e a meia voz). Pelo amor de Deus!

1ª E 2ª DAMAS

Sente-se, sente-se...

1º CAVALHEIRO

Parece que desmaia!

2º CAVALHEIRO

É grande acesso de nervoso!

LUÍS

A Sra. D. Amália talvez esteja constrangida, e quererá ficar só...

2º CAVALHEIRO

Então retiremo-nos.

2ª DAMA À 1ª

E ficaremos nós com ela, Sra. viscondessa?

PEDRO

Pelo contrário... O maior alívio que V. Ex^{as} podem dar aos padecimentos da minha mulher é ficarem todos. Esta nuvem foge à distração de uma conversa alegre. Mas se queres sair, Amália...

D. AMÁLIA

Não, não quero...

PEDRO, ao 1º CAVALHEIRO

Sentemo-nos, e conversemos. Então, Sr. visconde, não nos conta alguma novidade deleitosa?

1º CAVALHEIRO

Estou de tal sorte penalizado pelo sofrimento da sua senhora...

PEDRO, para o 2º CAVALHEIRO

Então é este cavalheiro que nos vai fazer rir com uma anedota das suas... Vai-nos dizer qual é a dama que inspira hoje o primeiro ministro no seu gabinete...

2º CAVALHEIRO

Não posso, Sr. Oliveira... Há aqui uma espécie de desfiguração em todos nós...

PEDRO

Em todos nós... diz V. Ex^a muito bem. (Para os criados). Retirem-se (Executam). Até no Sr. Ataíde, superior à superstição do medo, se observa um espasmo. Num castelo dos contos noturnos de Hoffmann, conta-se que os convivas dos banquetes ficavam assim. Mas o terror deste castelo não era pânico. Andava já o espectro de um tal Daniel, grande celerado... Ia eu agora repetir uma história negra, quando o que precisamos é luz... É verdade, Sr. Ataíde... ideias associadas a espectros e assassinos... Desde antes de ontem não ocorreu alguma eventualidade?

LUÍS

A que respeito, cavalheiro?

PEDRO

Como é esquecido!... A respeito daquele aviso...

LUÍS

Ah! sim!... Hei de contar-lhe episódios...

PEDRO

Mas episódios que desmentem a catástrofe prometida na carta?

LUÍS

Justificam o primeiro aviso.

PEDRO

Sim? então... seriedade... E o senhor previne-se?... bem claro...

LUÍS

Muito prevenido.

PEDRO

Enquanto a mim o desfecho mais grato à pessoa que o avisou seria um casamento...

LUÍS

É natural; mas impossível...

PEDRO

Tal será a distância de nascimentos e patrimónios...

LUÍS

Imensa distância...

1ª Dama

Já se vê que é história de amores... A gente fica sabendo metade... Eu contarei à Clarinha, Sr. Ataíde... Deixe estar...

PEDRO, risonho

Pois o Sr. Ataíde, se a quiser contar, sabe-a toda... mas naturalmente, não quer desonestar-se aos olhos de senhoras, nem contar as suas proezas como César.

LUÍS

Proezas !... Loucuras infantis!... Sabe? Aquele padre que entrou quando V. Ex^a saiu, era um episódio do drama sanguinolento.

PEDRO

Sim?!... Há muitos cúmplices, pelo que vou vendo, no atentado!

LUÍS

E ainda mais...

PEDRO

Ainda mais! que maravilhosa conspiração!

LUÍS

Um terceiro aviso em papel-cetim e letra inglesa. (Vai tirando a carta da algibeira).

PEDRO

Caso novo!

1ª DAMA, para AMÁLIA sobressaltada

Está mais aflita?

LUÍS

Não será possível conhecer-se a dona desta bonita caligrafia? (Dá a carta a Pedro, que não é superior à violência da comoção). O cavalheiro conhece a letra?! Mudou de cor!

TODOS, exceto AMÁLIA

É verdade!

PEDRO, contrafeito

Isso é ilusão, minhas senhoras! Conheces a letra, Amália?

D. AMÁLIA, sem encarar a carta

Seria talvez uma mulher muito amiga do assassino.

LUÍS, com fatuidade

E porque não havia de ser do assassinado, minha senhora?!

PEDRO

Tanta gente a querer salvá-lo, Sr. Ataíde!... V. EX.” deve ser um mancebo bem virtuoso!...

CENA II

Os mesmos e MARIA, que entra distraída na sala.

1ª DAMA

Ai! que menina é aquela! (Olham todos).

VOZES

É verdade!

D. AMÁLIA, a meia voz

Jesus, valei-nos!

PEDRO

Venha cá, minha menina, venha cá ao seu amiguinho. (Toma-a ao colo).

2ª DAMA

É filha da dona do hotel?

PEDRO

Não, Sra. baronesa. Esta menina é uma providência que entrou agora a dar-nos assunto em que falemos. Venha cá, filhinha. (Vai com ela à mesa). Há de comer alguma coisa, sim?... Quer uma pêra?

MARIA

Pois sim.

PEDRO

O Sr. Ataíde, como vai brevemente ser esposo, bom é que aprenda a ser pai... Venha cá, sente-se ao pé desta criancinha, e apare-lhe a pêra... Habitue-se às denguiques paternais.

LUÍS, sentando-se com a menina no joelho

Eu sou amicíssimo de crianças, e as crianças distinguem-me sempre. Li em alguma parte que o amor das crianças e dos animais é sinal de morte prematura.

D. AMÁLIA

Jesus!

1ª DAMA

Que é?

D. AMÁLIA

Uma palpitação tão violenta...

2ª DAMA, a PEDRO

Sua senhora está pior...

PEDRO

Eu conduzo-te ao quarto, Amália...

D. AMÁLIA

Não vou, estou melhor aqui... Vem cá... (Toma-lhe as mãos com muita aflição, e encara-o com suplicante ternura).

PEDRO

Confiança em Deus, filha! (As damas olham-se admiradas). Vamos à história desta menina. (Senta-se). Chegando eu, faz hoje um mês, a esta hospedaria, chegava ao mesmo tempo uma senhora, um velho, e esta criança. A minha mulher, que reparte pelas crianças o amor que não pode dar aos seus filhos, tomou aquela à sua conta de beijos e carinhos, relacionou-se desde logo com a mãe, e fizeram-se amigas. Com a amizade veio a confiança, e a mãe daquela menina contou-lhe assim a sua história. É natural da província de Trás-os-Montes. Órfã de pai e mãe, desde os dez anos, vivia com um tio egresso de uma ordem mendicante. Há de haver oito anos, conta ela, um morgado seu vizinho, vendo-a acompanhar um velho tio a passeios na convalescença de uma perigosa enfermidade, seguiu-a todas as tardes, e prodigalizou ao velho padre muitas atenções, visitou-o, algumas vezes na sua pobre casa, honrou-o muito com a sua confiança, e começou o namoro da sobrinha. A rapariga recebeu a declaração do amante, e foi banhada em lágrimas depositá-la no coração do velho. O padre, mais entendido nas inocências do céu que nas torpezas do mundo, ouvindo as palavras honestas da declaração, não se benzeu, nem fez trejeitos de beato. Disse à sobrinha que pedisse a Deus

humildemente a protegesse dos perigos, e lhe inspirasse o que fosse em bem da sua alma. Parece que o céu lhe ouvira os rogos durante um ano. O cavalheiro, apesar de amestrado na arte da sedução, inutilizou todos os seus esforços. A inocência parece-se com a rosa em botão nos espinhos que a defendem. Incapaz, porém, de recuar vexado, diante da virtude invencível, o cavalheiro tentou o último expediente: o mais ignóbil de todos. Dirigiu-se ao padre, e pediu-lhe a sobrinha com todas as formalidades usadas entre nobres. O pobre velho, cheio de um santo contentamento, chamou a sobrinha, e apertou-os a ambos no mesmo abraço. O fidalgo, desde esse dia, deu-se o direito de visitar com menos recato a sua noiva. O suspirado casamento espaçou-se, porque era necessário obter o consentimento do pai rebelde ao amor inconveniente e vilão do filho, representante de nove gerações. Entretanto os rogos de Josefina... Chamava-se ela assim... Os rogos de Josefina deixavam de ser ouvidos no céu... Como é que o céu se fecha às súplicas destas desgraçadas... isso é que eu não sei, nem questiono. É certo que Josefina... Agora me recordo, Sr. Ataíde, que há duas Josefinas a datarem a sua queda, no mesmo tempo, e no mesmo precipício... Desonrada, perdida, e desamparada, minhas senhoras...

1ª DAMA.

Desamparada!? pois esse infame homem...

PEDRO

Desamparou-a, fugiu, no mesmo dia em que o padre, sabendo a queda da sua sobrinha, foi lançar-se aos pés do pai do noivo, pedindo-lhe o consentimento. E obtive-o! obtive-o! (Sorrindo). Uma zombaria, sobre uma infâmia! O pai consentiu que o seu filho viesse para Lisboa desvanecer o preconceito nas variadas sensações que podia dar-lhe a sua riqueza.

1º CAVALHEIRO

É infame!

2º CAVALHEIRO

Atrocidade!

PEDRO

Não gastemos epítetos, cavalheiros. A ordem regular do mundo é esta. (Sorrindo). Das agonias de uns é que dependem os prazeres de outros. Eu creio que nenhum de nós é tão inepto que queira encravar a roda dos

acontecimentos... Encravá-la é sair com o braço partido... Ora venha cá,
minha menina... Venha dar-me um beijo...

LUÍS, apertando-a contra o seio

Deixe-a estar no meu colo... Quer estar no meu colo, filha?

MARIA

Sim, senhor.

D. AMÁLIA, correndo ao marido

Lágrimas!

1º DAMA

Comoveu-se, contando o triste caso. Tem um excelente coração, Sr. Oliveira.

E a mãe desta menina tem meios?

PEDRO

Não, minha senhora. É pobre. Sou eu que lhe abono as despesas neste hotel.

2ª DAMA

E encontrará ela esse malvado que procura?

1ª DAMA

Quem me dera vê-la! Tenha imenso prazer, recebendo na minha casa esta família! Olha, visconde: o padre era nosso capelão, a sobrinha era mestra da nossa Francisquinha, e aquele anjinho havíamos de tratá-lo como nossa filha.

1º CAVALHEIRO

Eu aceito o encargo com muito gosto.

PEDRO

E ela precisa bem das esmolas de todos nos. Até o Sr. Ataíde dá um vestidinho àquela menina... (Ataíde beija carinhosamente a criança sem responder).

D. AMÁLIA, com alegria

Como ele está comovido, meu Deus!

1º DAMA

Quem não há de comover-se! Se eu pudesse ver a mãe!

PEDRO

Pode, minha senhora!... (Ataíde ergue-se com indecisão). Não quer conhecê-la, Sr. Ataíde? (Toca uma campainha).

LUÍS

É uma nobre desgraçada... que deve ser vista...

PEDRO, ao criado

A mãe desta menina se faz favor de entrar nesta sala, que lho pede a Sra. D. Amália. (D. Amélia segue o criado). Não parece que durante o jantar tivemos todos os pressentimentos desta cena triste? (Silêncio de alguns instantes. Maria quer subir ao colo de Luís de Ataíde).

CENA III

Os mesmos, JOSEFINA e D. AMÁLIA, trazendo-a pela mão e depois

PADRE HENRIQUE

PEDRO

Venha, senhora! Há aqui pessoas que simpatizam com o seu infortúnio. (Josefina, vendo Ataíde, estremece, e pende a cabeça esvaída no ombro de D. Amélia. Maria foge de Ataíde para a mãe, beijando-lhe a mão. O padre entra lentamente na sala).

1ª e 2ª DAMA

Ela desmaia!

PEDRO

Na presença de muita gente... foi talvez o pejo...

PADRE HENRIQUE, encostando-a a si

Estou aqui, minha filha, estou aqui contigo. (Josefina fixa-o espavorida).

D. AMÁLIA

Deixe-a sentar, ar. padre Henrique.

JOSEFINA, ao padre

Uma gota de água!... (Amélia chega-lhe o copo. Com muita ansiedade). Salve-o! (Pedro vai sentar-se na cadeira mais afastada. Esconde o rosto nas mãos. D. Amélia corre a ele, curvando-se-lhe ao ouvido).

JOSEFINA, à filha

Não chores, Maria, vem cá... (Quer tomá-la nos braços e não pode). Não posso... dê-ma, meu tio...

1ª DAMA, sentando-lhe a menina ao regaço

Sabemos quanto sofre, minha pobre menina. Anime-se que os seus padecimentos são muito nobres. Eu já pedi licença ao ar. Oliveira para ser sua protetora... Não chore...

JOSEFINA, com fingida alegria

Eu não choro...

1º CAVALHEIRO

É pena que não seja conhecido, para ser severamente castigado, o algoz desta senhora.

LUÍS, com humildade

Sou eu, senhor! (Espanto).

1ª e 2ª DAMA

O senhor!

1º CAVALHEIRO

Isto é crivei, Sr. Oliveira!

LUÍS, cruzando os braços diante de Josefina

Tu não me acusas, Josefina!? (Josefina soluça escondendo a face no lenço).
Não me acusas, Josefina?! (Toma-lhe a filha dos braços). Filha! ajoelha ao pé
de mim, pedindo o perdão do teu pai! (Ajoelham. Josefina curva-se para
erguê-lo, e, vendo o irmão que se aproxima, severo, corre a abraçá-lo).

JOSEFINA

Eu sou a desgraçada, e perdoei!

D. AMÁLIA

Pedro! tu tens uma alma muito nobre! Pedro! pelo nosso amor!

PEDRO, a Josefina

Pois se perdoaste, o verdugo que vá em paz! Eu sou o irmão desta mulher!

VOZES

Irmão!

PEDRO

Aceito-a desonrada... Sobeja-lhe a nobreza da alma, que a santifica aos meus olhos. Casada com este homem... rejeito... quebro os laços de sangue que nos prendem... (Tocando no ombro de Luís de Ataíde). Não vá o cavalheiro persuadir-se que eu lancei com todo este aparato uma rede à sua compaixão... Os três avisos que recebeu, senhor, não foram uma astúcia de romance. A morte que lhe vaticinaram não o esperava traiçoadamente. Eu queria vê-lo primeiro, na presença daquela mulher e dessa criança... Sabe porquê? Faltava-me o ânimo... e quis tirar do seu cinismo o último alento que não tinha para aceitar a responsabilidade do assassinio... Enganei-me... Quando mais não fosse, os lábios silenciosos daquela criança absolveram-no... E não tenho mais que lhe diga... A sua presença daqui em diante recebo-a como uma afronta...

JOSEFINA

Oh meu Deus! faltava-me esta agonia! (Corre aos braços do tio).

PADRE HENRIQUE

Se te faltava esta agonia, recolhe-a onde tens recolhido as outras, ao coração do teu velho tio, que ainda tem forças para muitas.

LUÍS, a Pedro

Sou, pois, um homem bem desprezível, senhor... ou o seu coração deve ser muito duro!

PEDRO, com severidade

Saia, senhor!

JOSEFINA

Oh! meu tio!

PADRE HENRIQUE

Eu posso mais que tu, meu sobrinho. Tu tens a força da paixão humana, e eu invoco o auxílio da proteção divina. Quem vence nestes lances é a religião, não é o homem. Josefina é esposa de Luís de Ataíde! Queres que este velho ajoelhe aos teus pés?

(Faz menção de ajoelhar-se).

PEDRO, erguendo-o

Por Deus!

PADRE HENRIQUE

Sr. Ataíde, venha apertar a mão do seu irmão. (Ao mesmo tempo, D. Amélia faz que a mão de Pedro toque a de Luís de Ataíde).

JOSEFINA, de mãos erguidas

Eu vos agradeço, meu Deus!

PADRE HENRIQUE

Ajoelha, Josefina. Nestas lutas a humildade com que se triunfa deve ser tão grata a Deus como aos homens. Eu vou ajoelhar ao pé de ti, minha filha!

FIM